

A Inserção das Irmãs Catequistas Franciscanas na construção da cidadania das Mulheres no Nordeste e no Norte do Brasil

É comum, nos dias atuais, encontrar a listas das conquistas alcançadas pelas mulheres, como por exemplo: elas votam, têm média de escolaridade maior que a dos homens, governam países e estão inseridas amplamente no mercado de trabalho. Contudo, a luta das mulheres, contra a discriminação, a opressão, a dominação e a violência vem de um período muito distante, antes mesmo dos acontecimentos que inspiraram o dia oito de Março, em que se celebram as iniciativas, a organização e a resistência internacional das mulheres. Tais comemorações podem até perder seu significado quando o sistema capitalista descaracteriza o luto, a dor e a luta das mulheres com tantas comemorações festivas, consumistas, pautadas por flores, presentes, jantares, propagandas, dentre outros, camuflando assim o não atendimento às justas reivindicações das mulheres. Nessa perspectiva, é essencial fazer memória, resgatar a história e contar os ganhos que lentamente foram conquistados a partir do dia 8 de março de 1857. Somente nesse contexto, é que iremos perceber que aquilo que mostramos como ganhos é relativamente pouco para a construção de relações equilibradas entre as expressões masculinas, femininas e outras, que compõem a face da humanidade. Nesse processo, perceberemos também que os desafios são maiores que nossas conquistas. O enfrentamento a tudo que é adverso à cidadania das mulheres requer conhecer minuciosamente o emaranhado do que foi culturalmente construído.

Para tanto, nem as teorias clássicas são suficientes para abordar as relações patriarcais de sociedades androcêntricas,¹ que prevaleceram durante séculos, marcando negativamente a história das mulheres. Nesse campo, para compreender melhor o processo de dominação e exploração, discriminação, exclusão e opressão de mais da metade da humanidade, lançamos mão do feminismo. Este é uma teoria crítica que se propõe analisar os processos históricos materiais, culturais e subjetivos que mantêm a mulher subordinada ao homem como condição natural. Assim sendo, dificulta-lhe, o acesso aos espaços de construção dos direitos e, conseqüentemente, da cidadania. Para Saffioti, “não há de um lado, a dominação patriarcal e, de outro, a exploração capitalista”, ou seja, não há separadamente exploração e dominação; a associação de ambas é que provoca o distanciamento das mulheres do exercício pleno da cidadania. (SAFFIOTI, 2001, p. 25).

Nas últimas décadas, os estudos sobre as mulheres têm demonstrado que estas, por meio de suas ações coletivas, interpelam a noção clássica da cidadania a qual se imbrica, num processo de ressignificação, pelo conceito atual de gênero, a inclusão de

¹ Androcentrismo designa um sistema de pensamento centrado nos valores e identidades masculinos, no qual a mulher é vista como desvio à norma, tomando-se como referência o masculino.

novos direitos. A produção acadêmica sobre a condição de dominação, opressão e exploração das mulheres resultou, nas últimas décadas, em diversas referências (epistemológicas, metodológicas e conceituais) a influenciar a produção do saber, nos vários campos das ciências sociais e áreas afins.

É nessa conjuntura histórico epistemológica, metodológica, conceitual de construção e desconstrução de relações impostas, que se insere nossa missão como Irmãs Catequistas Franciscanas no chão sagrado do Nordeste e do Norte do Brasil. Se a mulher de modo geral, é discriminada por sua natureza biológica e a questão de gênero, no nordeste é pior, pois aqui se acrescenta a trilogia de classe (pobre) de raça (negra/ indígena) e geográfica (nordestina). Dessa perspectiva, contribuir na libertação das nordestinas não é fazer por elas ou para elas é, antes de tudo, ajudá-las a ser sujeito de sua própria história.

Foi nessa direção que, movidas pelos valores evangélicos, no seguimento de Jesus Cristo, Francisco e Clara que caminharam as franciscanas, investindo desde sua chegada a partir do ano 1965, na formação, na valorização, na organização das mulheres em suas diferentes categorias, objetivando a sua inclusão social, cultural e econômica. O trabalho das irmãs tem como espaço ideal o chão das comunidades, as escolas públicas e privadas, as pastorais sociais, os movimentos sociais, as famílias, os campos étnicos, dentre outros. Nos referidos espaços, privilegiamos sempre os grupos nos quais as mulheres se encontram em situação de maior vulnerabilidade social.

Sem pretensão de esgotar a riqueza dessas ações apontaremos alguns exemplos que marcam a caminhada de 50 anos de dedicação das Irmãs Catequistas Franciscanas, a saber: em Alagoas as se dedicaram às catadoras de Marisco (Marisqueiras), às cortadoras de cana (canavieiras), às mães da pastoral da criança e às mulheres das periferias. Em Pernambuco, se dedicaram às canavieiras. Na Paraíba, trabalharam



junto às mulheres da pastoral de favelas, às trabalhadoras rurais do Brejo Paraibano e agora às autogestoras de Economia Solidária e às jovens ciganas no Sertão do Estado. No Piauí, se dedicaram às lavandeiras, às quebradeiras de pedras, de coco babaçu, às trabalhadoras rurais, às mulheres da periferia, às que lutam por moradia, às que fazem a pastoral da terra, às que viviam da prostituição. No Piauí as irmãs fundaram Associação de Mulheres Artesãs em Esperantina- AMAE. No Maranhão, estamos junto às indígenas, às mães da pastoral da criança, às que enfrentam os conflitos pela terra, às esposas dos animadores das comunidades, à pastoral do ninho, às professoras do ensino médio. No Tocantins nossa atuação junto a esses grupos foi com alfabetização de adultos e a formação de líderes. No Ceará, durante anos, intensificamos nossa presença junto às mulheres da pastoral

da saúde na disseminação dos remédios fitoterápicos e da medicina alternativa. Em Roraima a presença se dá junto à Organização das Mulheres Indígenas de Roraima-OMIRR.

Olhando de longe, as conquistas foram poucas, pois é muito alto o índice de violência contra as mulheres. A miséria ainda campeia nossos lares e as relações no mundo do trabalho permanecem desiguais, mas por outro lado, os tantos anos de presença profética nos possibilitam hoje presenciar as mulheres ocupando diferentes espaços de participação política, gozando de alguns direitos sociais e culturais, saindo da linha da miséria e vislumbrando autonomia econômica. O exemplo mais sistematizado é o nosso livro intitulado “**A construção da Cidadania das Trabalhadoras Rurais no Piauí**” 2ed. 2014, onde Irmã Catequista Franciscana e trabalhadora são, ao mesmo tempo, objeto e sujeito na construção da cidadania. Por fim, partilharemos com todas/os o legado de Margarida Alves “*da luta não fujo, é melhor morrer na luta do que morrer de fome*”.

Irmãs:

Lindalva Alves Cruz - lindasorella@hotmail.com

Maria Arli de Sousa Nojosa – arlisousa@hotmail.com